

CADERNO AFEGÃO: ALEXANDRA LUCAS COELHO

Através da escrita de Alexandra Lucas Coelho viajamos por um país masculino e em guerra, onde parece difícil encontrar alegria e serenidade. No entanto, *Caderno Afegão*, editado pela Tinta da China, leva-nos até à beleza dos Jardins de Babur e ao azul intenso dos lagos de Band-e-Amir. A jornalista começou a viajar regularmente pelo Médio Oriente e pela Ásia Central em 2001 e editou o seu primeiro livro, *Oriente Próximo*, em 2007. AF

€ 17,90



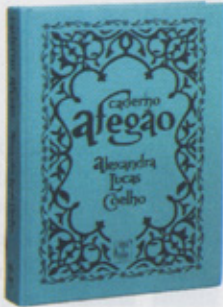
3



Viagem

O AFGANISTÃO DE ALEXANDRA

A viagem física durou um mês, entre Maio e Junho de 2008. A viagem (senti)mental perdura, além das reportagens, várias publicadas no *Público*, e das anotações diárias, do livro *O Caderno Afegão* (Tinta da China). **Alexandra Lucas Coelho** sacode as ideias feitas sobre um território associado a guerras – entre homens, contra as mulheres, dilaceramentos de etnias e de ideias. O Afeganistão que emerge é o país humano, das pessoas que continuam a ir aos mercados, às costureiras, aos lugares da alegria possível – ainda que os tiros se oiçam. A jornalista fez um périplo pelas cidades de Cabul, Herat, Jalalabad, Kandahar, Mazar-i-Sharif, Bagram, Bamiyan e Band-e-Amir. E os leitores vão com ela, na asa de uma escrita literária.



Cabul, 5 de Junho

«Nos arredores de Cabul, Istalif é um dos muitos jardins na história de um homem que se nada mais tivesse feito ficaria na história como paisagista visionário, criador do *charbagh*, o jardim mogol quadrangular com avenidas de água, de que na Índia há exemplos esplendurosos, como o de Agra ou o Taj Mahal, encomendado por Shah Jahan, trineto de Babur. E esta herança faz parte dos afegãos. Nunca vi tão forte dedicação às flores. Parece estar acima de tudo e a tudo ser imune. No meio do trânsito mais tóxico há rotundas com rosas lindas em Cabul. Todos os afegãos são *rose-lovers*, escreveu Robert Byron.»

Kandahar, 17 junho

«Em Kandahar espera-se um combate a qualquer momento, mas em casa de Rangina está tudo a bordar, como de costume. Treze mulheres penduraram as burkas e aviam toalhas, túnicas, panos de parede. (...) Aqui está Rangina Hamidi, 30 anos, embrulhada num grande lenço. O lenço já vem da América, é uma decisão individual. Ela voltou ao Afeganistão depois de 2001 e impulsionou esta associação, o Afghans for Civil Society. Sociedade civil num país que ainda não é um Estado. Quer dizer, está tudo por fazer. (...) Para Rangina tratava-se de voltar a casa, como ela vai contar, agora que o marido trouxe bebidas e se retirou. Não é o que um marido afegão normalmente faz.»

Cabul – Bamiyan, 26 de Junho

«Em Bamiyan, os budas que os taliban fizeram explodir eram uma espécie de Romeu e Julieta com 1500 anos. (...) Agora, dos budas colossais restam os nichos escavados na montanha, a 800 metros um do outro. (...) São tão altos que mesmo no cimo do mais pequeno se avista o imenso Vale de Bamiyan, com castelos feitos de terra batida, antigas cidadelas reais, a cidade nova e a cidade velha, bosques e campos geometricamente cultivados, até aos picos nevados do Hindu Kush, lá ao fundo. Cabul é muito longe. Para o bem e para o mal, tudo está muito longe, porque aqui não há estradas.»

REPORTAGEM

★★★★★

As histórias de uma jornalista

Alexandra Lucas Coelho conta-nos dois meses da sua vida.

Caderno Afegão

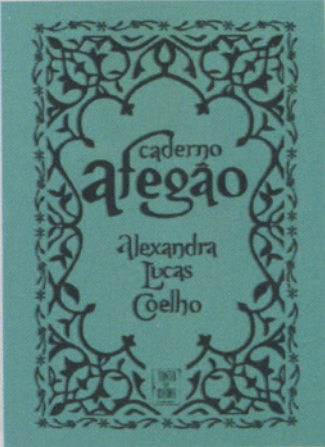
ALEXANDRA LUCAS COELHO

TINTA DA CHINA

Vale a pena começar por referir que *Caderno Afegão* é um livro raro na escrita nacional, pois o que Alexandra Lucas Coelho (ALC) imprime nestas suas 333 páginas não costuma estar disponível nas livrarias. Apesar de tantas epopeias vividas por portugueses, de várias aventuras protagonizadas por compatriotas ou experiências que merecem ser relatadas, poucos são os que o fazem. Quase que merece perguntar o que se passa com os portugueses que se mostram tão prolixos como escritores e se dizem tão poetas ao continuarem a fazer tábuas rasas da publicação das suas vivências? Talvez não se passe mesmo nada, talvez! Mas basta ler este volume, onde ALC descreve dois meses de reportagem, para se entender que valia a pena fazer escola e a produção crescer neste género literário. «Mais uma vez, sou a única mulher», diz na página 229, num parágrafo que sintetiza uma das principais características deste relato que tem início a 31/05/08 no Dubai e termina a 29 de Junho, em Cabul, porque, para além de nos encontrarmos num

registro inabitual no nosso país, ele é realizado por um jornalista do sexo feminino, situação que o torna mais difícil de executar. Não há *burqa*, túnica ou lenço que lhe cubra a visão desses países onde as mulheres têm uma existência virtual e onde o trabalho de sapa noticioso ainda será mais difícil de realizar. Mas esta questão do sexo não é importante para o livro, pois não perpassa na sua leitura nem a condiciona e, portanto, vamos ao que interessa. ALC foi em reportagem e dessa obrigação leram-se muitos textos mas, creio, teve o cuidado de fazer uma anotação interior daquilo que ia observando e de colocar num caderno a sua existência diária que actualmente transcreve. Um cuidado básico de quem vai quase sessenta dias para terras estranhas e quer recuperar, quando for necessário, a ambiência dessas terras distantes. Por isso, consegui extrair desse dia-a-dia os passos de uma profissão que ultrapassa a mera colecção de anotações que servem um primeiro objectivo – o de reportar – e deu um retrato muito visual, personalizado e protagonizado de um Afeganistão que vive um turbilhão social (político, religioso e económico) sem o desejar.

Passam ingleses, repassam russos, ultrapassam americanos; passam tribos, repassam talibãs, ultrapassa-se a dignidade de uma zona do mundo que serviu de palco a dezenas de equipas de reportagem estrangeiras para explicar o que aconteceu pós-11 de Setembro e pré-desaparecimento de Osama Bin Laden de uma mansão localizada a poucos metros de um dos locais onde a jornalista esteve hospedada. Curiosamente, não é só ALC que mostra esse ângulo de visão português, logo no início surgem outros desta nacionalidade que irão continuar a surgir frequentemente. Tal como existem muitas outras nacionalidades e personagens que abandonam as suas vidas calmas para se integrarem nas organizações que estão no terreno e colaborar na reconstrução do país e, também, aproveitar o desvario para alterarem o rumo de subjugação de grandes partes da população a hábitos tradicionais que não desaparecem. Esta viagem de Alexandra Lucas Coelho leva-nos a muitos locais: Kandahar, Cabul, Herat... A muitas pessoas: militares, povos, religiosos... E leva-nos a certa altura aos desfeitos budas de Bamiyan, talvez



o tema mais metafórico de toda esta convulsão e em cujas páginas faz a descrição perfeita do que é cruzar o olhar oriental com o ocidental e desfaz todas as ilusões de um entendimento para breve a vários níveis. Há muitas outras metáforas que nos explicam esta parte do mundo mas são mais as realidades deste *Caderno Afegão* que permitem ao leitor entender algumas das coisas que um dia espantaram um viajante britânico, no ano de 1808, quando chegou ao Afeganistão com a missão política do seu império de contrariar os avanços de Napoleão. Mountstuart Elphinstone, diz ALC, «não podia confiar em guias nem livros porque simplesmente ninguém os escrevera». Bastaria esta razão para que este volume servisse os seus propósitos! ■ JOÃO CÊU E SILVA + www.cadernoafegao.tintadachina.pt

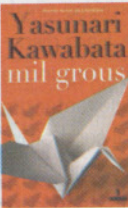
ROMANCE

★★★★★

Mil Grous

YASUNARI KAWABATA

DOM QUIXOTE



lítico, Yasunari Kawabata apresenta-nos Kikui, um jovem enredado numa teia de relações em que se destacam duas amantes do seu pai (Chikako

Numa linguagem tão delicada como a tradicional cerimónia nipónica do chá, em torno da qual tudo gira neste livro, seja o factual ou o simbólico, Yasunari Kawabata apresenta-nos Kikui, um jovem enredado numa teia de relações em que se destacam duas amantes do seu pai (Chikako

e Ota) e duas jovens pelas quais querem que ele se apaixone (Iukiko e Fumiko). Tudo condimentado com ódios e ciúmes, amores e culpas, saudades e ilusões, desejos e desprezos, rivalidades e desencontros, timidez e maledicência, numa obra em que todo o gesto surge cheio de significados, qualquer fala remete para múltiplas intenções. E o Prémio Nobel da Literatura de 1968 vai sublinhando os estados de espírito das personagens e o espírito do tempo num Japão do pós-guerra através dos tons e aromas das plantas, da intemporalidade das chávenas que podem ter uma genea-

logia de séculos, dos horíveis pêlos de um sinal num seio entrevisto em quimono descuidado, do padrão de um tecido com mil grous que se torna sinónimo da sensual beleza feminina, acabando por assinar um primor da literatura. FERNANDO MADAIL

CRÓNICAS

★★★★★

A Árvore de Natal do Senhor Ministro

PAULO VENTURA ARAÚJO

AFRONTAMENTO

Do livro de Paulo Ventura Araújo *A Árvore de Natal do Senhor Ministro* (com o subtítulo «Crónicas Arbo-



rescentes») realçamos: «Visitando uma exposição de arquitectura, pode apreciar-se, reunido em ponto pequeno num único salão, aquilo que à escala real obrigaria a uma visita demorada a lugares diversos em pontos afastados da cidade. Há uma leitura unificadora que permite construir uma imagem simplificada de uma certa realidade urbana, o que em si mesmo nada tem de errado (...) Mas a visão da maquete, ou do cenário digitalizado, ou das fotos cuidadosa-

Viagens

Entre fedor e perfume

Um livro escrito na primeira pessoa por uma repórter, um livro que visa demonstrar "in actu" que a vida de repórter não é para meninas. Mais a mais no Afeganistão, terra de homens (e mulheres...) de barba rija.

Osvaldo Manuel Silvestre

Caderno Afegão

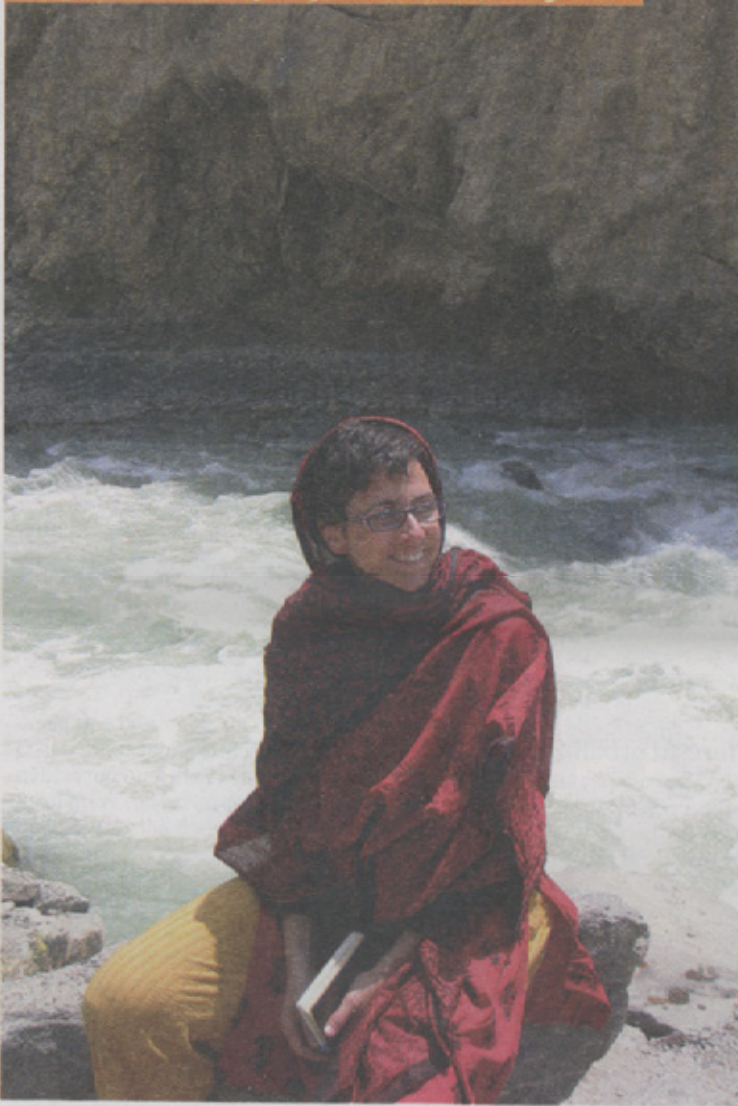
Alexandra Lucas Coelho
Tinta da China

★★★★★

"Caderno Afegão", segundo livro de Alexandra Lucas Coelho (ALC), sai naquela que é de momento a colecção de referência de "literatura de viagens" no nosso panorama editorial, com o cuidado de fabrico que distingue editora (Tinta da China) e colecção (capa dura, ilustração com motivo de inspiração vagamente "persa", fitilho). Sendo ALC jornalista, o título sugere o bloco-notas do trabalho de terreno, mas ao mesmo tempo, por "efeito de colecção", o diário em que um sujeito não sujeito à rigidez dos códigos da reportagem se nos dá a ver em grau variável de impudor - e podemos chamar a isto "literatura". Assim, na p. 277 temos: "o sol queima e apareceu-me o período". Não há muito disto, desenganam-se os leitores ávidos de intimidades. O que há, sim, é um livro escrito na primeira pessoa por uma repórter, um livro que, dir-se-ia, visa demonstrar "in actu" que a vida de repórter não é para meninas. Mais a mais no Afeganistão, terra de homens (e mulheres...) de barba rija.

Desde a primeira página, no aeroporto do Dubai, ALC fala-nos pois dos problemas da sua condição de repórter-mulher naquela parte do mundo: "Esqueci em Lisboa o lenço que ia pôr quando saísse do avião. Compro o mais discreto que encontro" (p. 13). Se há um veio que percorre o livro é o empenho na descrição da vida das mulheres afegãs, bem patente no esforço para traduzir em tropos deceptivos a burqa que cobre a grande maioria delas: "sacos" ou "balões" vazios pendurados em cabides, mulheres que deixam de ser pessoas para serem "volumes" (p. 83); mulheres

Desde a primeira página, no aeroporto do Dubai, Alexandra Lucas Coelho fala-nos dos problemas da sua condição de repórter-mulher naquela parte do mundo, o Afeganistão



que parecem "fantasmas" (p. 203) quando desaparecem - e "desaparecem mesmo" (p. 216) - dentro da burqa, e a surpresa de ver que afinal lá dentro há uma pessoa: "Depois levanta a burqa e aparece uma rapariga esperta a sorrir" (p. 203).

"Tudo parece terrivelmente errado. Errado estarmos aqui" (p. 236), diz ALC quando se depara com a opulência dos estrangeiros na mais cara Guest House de Cabul. O próprio país, porém, parece uma grande medida por ser a demonstração prática da impossibilidade de aprender com "as lições da História" (ALC parece aliás acreditar mais na possibilidade de o passado ser "o melhor argumento contra o presente" (p. 67) do que boa parte das histórias que conta). Um e outro afegão letrado afirmam que "a comunidade internacional não leu a história do Afeganistão. Devia ler e aprender" (p. 229). Quanto aos afegãos, como aprendê-la se poucos são os que sabem ler? E assim, afegãos e estrangeiros parecem condenados à

repetição infundável do erro.

Erros e desastres vêm-se por todo o lado. Mas sobretudo cheiram-se: Cabul é a cidade com "a maior quantidade de matéria fecal no ar do mundo" (p. 47). E no bairro dos refugiados de Herat "cheira tão mal que tentamos não respirar. É como se tudo estivesse podre" (p. 88). O outro cheiro inesquecível de Cabul é, porém, o das rosas: "Nunca vi tão forte dedicação às flores" (p. 71). A bem dizer, o livro progride entre a merda e as rosas, ou entre o trauma contínuo e a revelação pontual ou duradoura (em fundo, cenas de "Apocalypse Now": "O céu treme. Trânsito de aviões, talvez explosões, ao longe", p. 191). Esta oscilação é reconhecível nos espaços institucionais objectos de análise: o Centro Ortopédico de Cabul, radiografia de uma nação acidentada; a livraria e o Museu de Cabul, ou de como a versão talibã da iconoclastia do islamismo pode conduzi-la à caricatura; e, no momento mais doloroso do livro, o Hospital de Kandahar. Ou melhor: a ala feminina do Hospital, uma vez que mulheres e homens não se

misturam. E o espectáculo, minucioso e devastador, da desigualdade, do preconceito e do obscurantismo.

Não surpreende que o percurso por loci institucionais modernos active de forma mais nítida na autora um discurso também moderno: o feminista. Como não surpreende que ele ocorra sobretudo em situações reactivas, num país em que os homens "em mim só vêem uma mulher, e isso é quase nada" (p. 168). Tudo isto ganha resolução ético-política numa passagem esclarecedora: "Tudo neste mundo desafia a capacidade relativizadora da antropologia pós-pós-colonialista. É um mundo activamente tribal, em que os dóceis, os diferentes, os homossexuais e as mulheres pagam um alto preço para continuarem vivos, e muitas vezes morrem" (p. 170). Não é que ALC não saiba praticar a difícil modéstia da descrição etnográfica, por exemplo a propósito do pão espalmado local: "O pão, aqui, é mesa, prato e talher" (p. 122). O ponto é contudo o carácter inevitável (e muito reconhecível no discurso feminista ocidental) do apelo às virtudes cognitivas, e ético-políticas, do etnocentrismo: enquanto feminista, i.e. liberal burguesa e pós-moderna (parafraseio Rorty), ALC não consegue deixar de rejeitar as implicações políticas do relativismo. E é este o ponto em que a jornalista reserva a um "caderno afegão" que será um livro de "literatura de viagens" o que não confia a um bloco-notas publicável neste jornal, já que a ética do repórter é, ao invés, relativista...

ALC parece ver a saída para este "desgosto afegão" numa espécie de encontro mediado com a Natureza, e daí a inteligência com que a visita aos Budas de Bamiyan e ao lago de Band-e-Amir surge no final de viagem e livro. Na viagem para Bamiyan a Natureza vai emergindo da civilização, assim que o mundo das cidades desaparece. As mulheres andam aí com a cara descoberta - como na Natureza deveria ser - e "Como na Índia, são [elas] que dão cor à paisagem. A paisagem está quieta e elas estão em movimento. É uma cena viva" (p. 294). Ou ainda: "Nada fere a vista. Tudo é um todo" (p. 295). E, por fim: "Akil quase canta, e nós também. O mundo é grande, estamos vivos, que privilégio" (p. id.). O perfume triunfa enfim sobre o fedor, mas à custa da "fuga às cidades", onde como sabemos as figuras do todo são de harmonia difícil: porque são políticas, tanto quanto estéticas, exactamente como, mas ao invés, a "cena viva" da natureza afegã é política por ser só estética. Ou seja: por ser uma epifania individual não traduzível já em emancipação, apesar de todas as (belas) aparências em contrário.

Leituras: Diário de viagem de Alexandra Lucas Coelho pelo Afeganistão.

ROSAS LINDAS EM CABUL

No prefácio a este volume da colecção de literatura de viagens dirigida por Carlos Vaz Marques, este diz: «Eu nunca fui a Cabul. Nem a Jalalabad, nem a Kandahar, nem a Mazar-i-Sharif. [...] É preciso que nos levem lá.» E é isso mesmo o que nos faz a escrita escorreita de Alexandra Lucas Coelho (n. 1967), grande repórter do jornal *Público* - e aqui o adjectivo «grande» não é retórica, porque a Alexandra escreve as melhores reportagens que por cá se publicam - neste diário de viagem onde nos dá conta da sua estada no Afeganistão durante o mês de Junho de 2008. Outras suas narrativas, dessa vez sobre israelitas e palestinianos, já tinham saído em livro em 2007, *Oriente Próximo* (Relógio d'Água).

Quando ouvimos falar do Afeganistão nunca é por boas razões. Atentados suicidas, soldados e civis mortos, talibãs, mulheres sem quaisquer direitos à dignidade encerradas em *burqas*, seres humanos mascarados de fantasmas que se tornam apenas um «volume». Em *Caderno Afegão* há tudo isso (visto por dentro), mas há também «rosas cor de sangue, esguias, de cabeça levantada como os velhos afegãos de turbante e barba grisalha». E há chá com

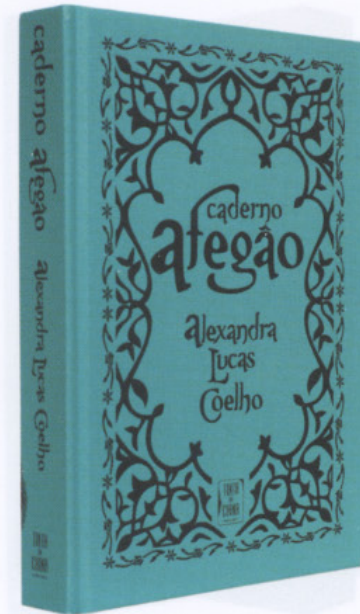
leite perfumado com cardamomo. E há famílias muito pobres em que as raparigas podem ler (e lêem) Wittgenstein, Jaspers, Foucault, entre outros. E há um afegão que cresceu na América e que se quer dedicar ao *agrobusiness*, morangos de Kunar (mas antes de os embalar há que limpá-los porque «80 por cento do ar tem fezes humanas devido ao sistema de esgotos»); o mesmo homem que dirige uma equipa feminina

de boxe em Cabul e que a quer levar aos Jogos Olímpicos.

Pelo meio Alexandra Lucas Coelho descreve-nos a vida de alguns estrangeiros em Cabul, os restaurantes, os lugares das saídas nocturnas, Gandamak Lodge, a mais cara *guest house* de Cabul com jóias à venda no átrio. «Tudo parece terrivelmente errado. Errado estarmos aqui. Errado estarmos aqui no meio deles.»

Algumas páginas são dedicadas a Shah Mohammed, o homem que foi personagem do famoso livro *O Livreiro de Cabul*, e que não gostou do retrato que lhe fizeram. Shah resume a condição actual do país: «Isto é uma guerra de máfias. A máfia da droga, a máfia da ajuda, a máfia das Nações Unidas, a máfia dos serviços secretos. Não é uma guerra contra o terrorismo.»

Se a inveja for um pecado, este livro pode tornar-nos pecadores, porque invejamos a coragem necessária para esta viagem, o despojamento para atravessar lugares remotos, e conseguir chegar aos budas de Bamiyan. ■ José Riço Direitinho



Alexandra Lucas Coelho, *Caderno Afegão*. Tinta-da-China, 334 págs.

dades, resultado inevitável dos estímulos formativos de quem a escreve.

Quanto à teoria literária, essa sim mais afim da Academia, encontra aqui matéria sóbria, politizante, abrangente e culta com que se debater. Inclusive, nota-se a reorganização de uma linha de análise contrária à que os textos sobre crítica induzem, alargando-se também à tradução a capacidade de ultrapassar a ideia feita da dupla «tradutor-traidor». [Caixotim, 304 págs.] DGD

A Estrutura das Revoluções Científicas

Thomas S. Kuhn

Quando, em 1947, Thomas Samuel Kuhn (1922-1996), aluno do último ano de Física Teórica

na Universidade de Harvard, foi convidado a dar um curso de Física Experimental para não-cientistas, entrou pela primeira vez em contacto estreito com a história da ciência. Daí resultou uma mudança drástica na sua carreira, pois Kuhn

passou a dedicar-se à história e à filosofia das ciências. Escreveu uma monografia, com profundidade e clareza, para a *International Encyclopedia of Unified Science*, mas que em 1962 acabou publicada em forma de livro com o título de *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Em finais da década de 80 o *Times Literary Supplement* considerou-o

«um dos 100 livros mais influentes desde a Segunda Guerra Mundial». E não é difícil perceber porquê. Kuhn colocou em causa a ideia até então generalizada de que todas as mudanças científicas passariam por um processo apenas estritamente racional: têm também a ver com as alterações das históricas circunstâncias intelectuais e das possibilidades da época. Esta tese veio a influenciar não só os cientistas das áreas naturais, mas igualmente economistas, historiadores, sociólogos e filósofos.

Foi Thomas Kuhn que criou o conceito de «paradigma» - hoje tão popularizado entre pessoas de diferentes áreas, e tão usado que quase se tornou um cliché destituído do seu significa-

do inicial -, um conjunto de teorias, regras e métodos comumente aceites pela comunidade científica. Cada paradigma comporta uma determinada visão do mundo. Quando se dá uma «mudança de paradigma», a teoria científica tem que ser reescrita e repensada. Aconteceu com Copérnico, Galileu e Einstein, por exemplo. Kuhn é também apontado como um «demarcador» de fronteiras entre o científico e o não-científico, pois descreve o mecanismo do progresso científico sem recorrer ao idealizado «método científico».

Esta é a primeira tradução publicada em Portugal desta obra de referência. [Tradução de Carlos Marques. Guerra & Paz, 286 págs.] JRD



O melhor livro é um caderno

É um grande livro de viagens assinado por uma das melhores jornalistas portuguesas. Alexandra Lucas Coelho fala a língua de aventureiros como Bruce Chatwin e, munida dessa destreza ao alcance de poucos, percorreu o Afeganistão entre Maio e Junho de 2008. Cabul, Herat, Jalalabad, Kandahar, Mazar-i-Sharif e outras paragens, todas vertidas para o papel através do olho curioso de quem já viu e transformou muito caminho em palavras.

O que sentimos nas páginas deste livro é a experiência de uma mulher disponível e preparada. Disponível para conhecer outras pessoas, outras culturas e experiências. E preparada (humanamente, intelectualmente) para descodificar a realidade e resolver as adversidades que vão aparecendo. Que o jornalismo português continue a deixar viajar repórteres como Lucas Coelho e a trazer-nos histórias como estas. **HÉLDER BEJA**

CADERNO AFEGÃO
Alexandra Lucas Coelho
Tinta da China



- + ESCOLHAS**
- A VOLTA AO DIA EM 80 MUNDOS** /// Julio Cortázar
Cavalo de Ferro
 - ENTREVISTAS DA PARIS REVIEW** /// Carlos Vaz Marques (Coord.)
Tinta da China
 - JESUSALÉM** /// Mia Couto
Caminho
 - O PRAZER E O TÉDIO** /// José Carlos Barros
Oficina do Livro

Para além dos “clássicos”

Os balanços do ano não falham, mas têm o seu quê de pernicioso: escolher o melhor dos livros quando se editaram obras de Thomas Mann, John Dos Passos, Charles Dickens ou Robert Musil é um exercício ingrato. Fixemo-nos, por isso, noutros livros, longe dos canónicos que felizmente chegaram às livrarias, e em muitos casos em óptimas traduções. O “Caderno Afegão” reúne reportagens do Público e muitos textos inéditos, numa sequência cronológica que permite acompanhar a estada de Alexandra Lucas

Coelho no Afeganistão, entre Maio e Junho de 2008. Ao olhar da repórter, metódico, informado e tentando perceber disparidades e pontos de vista, junta-se uma escrita centrada no quotidiano que decorre por entre o conflito e cujo trabalho formal confirma que o jornalismo pode alcançar a literatura. **SARA FIGUEIREDO COSTA**

CADERNO AFEGÃO
Alexandra Lucas Coelho
Tinta-da-China



- + ESCOLHAS**
- 2666** /// Roberto Bolaño
Quetzal
 - ISRAEL SKETCHBOOK** /// Ricardo Cabral
Edições Asa
 - A VOLTA AO DIA EM OITENTA MUNDOS** /// Júlio Cortázar
Cavalo de Ferro
 - SUTREE** /// Cormac McCarthy
Relógio D'Água

os meus livros // JANEIRO 2010



Viagem ao país do bem e do mal

★★★★★

prós | O espírito aventureiro da autora e o conhecimento que demonstra ter da cultura afegã.

contras | Algumas das fotos, disponíveis em [HYPERLINK "http://www.cadernoafegao.tintadachina.pt/"](http://www.cadernoafegao.tintadachina.pt/) www.cadernoafegao.tintadachina.pt, não terem integrado o livro.

Alexandra Lucas Coelho é uma mulher corajosa. Só uma mulher com o espírito dos grandes viajantes se manda sozinha para o Afeganistão, esse país onde muitas mulheres são tão respeitadas como adeptos do Sporting na Luz em dia de derby. E só uma mulher assim viaja de Cabul para Jalalabad, num jipe que percorre uma “shitty road” e aldeias duvidosas, passeia pelos arredores de Kandahar onde se adivinham talibãs metidos entre romãzeiras, abala para Mazar-i-Sharif na barriga de um avião militar sem janelas

para de lá regressar num “avião-zinho de papel”, com uns quantos “mercenários”.

“Caderno Afegão” é o diário da viagem que a jornalista fez entre Maio e Junho de 2008. Conforme avançamos no livro – e avança Alexandra pela rede de contactos locais e pela geografia do país – duas coisas nos amaram: um retrato histórico (social, étnico, religioso) do país, fruto de uma forte pesquisa e preparação da autora; e o olho curioso de quem já viu e transformou muito caminho em palavras. O Afeganistão “é um mundo activamente tribal, em que os dóceis, os diferentes, os homossexuais e as mulheres pagam um alto preço para continuarem vivos, e muitas vezes morrem”. Mas é também um local de gente bondosa – nativos e estrangeiros e estrangeiros-portugueses – onde “tudo o que vemos podia ter existido há 500 anos. O rio rápido, campos alinhados em vários tons de verde, pinceladas de púrpura, escarlata, laranja, esmeralda, azul-eléctrico que são raparigas nos campos, todas com a cara descoberta”.

Felizmente não vivemos num país onde as mulheres “desaparecem dentro das burqas e parece que começamos a falar com um boneco”. Porque seria uma pena se Alexandra, e textos como estes, se escondessem atrás de um lenço.

HÉLDER BEJA

CADERNO AFEGÃO
Alexandra Lucas Coelho
Tinta da China

€17,90

NOVEMBRO 2009 // os meus livros

Cinco livros que deve ler



Caderno Afegão

Alexandra Lucas Coelho

(Viagens; Tinta da China)

Uma viagem pelo Afeganistão, ao âmago do “mais belo povo do mundo”. Alexandra Lucas Coelho revela-nos um país do qual só conhecemos os mortos e os destroços, para nos mostrar o que vive para lá das notícias terríveis: as pessoas e as rosas de Cabul. *B.V.A.*